

Suplemento Cultural

Aquidauana e a História de uma Princesa Encantada no Paraíso Ecológico

JOSÉ PEDRO FRAZÃO

Se o imortalíssimo escritor dinamarquês Hans Christian Andersen (1805/1875) tivesse nascido no pantanal, ele não teria sido tão triste, desiludido e solitário. Passaria o tempo todo sorrindo inebriado de tanta beleza natural e confabulando com os encantadores animais do paraíso ecológico. O Hans Christian pantaneiro teria aos pés um mágico e infinito elenco de personagens e viveria escrevendo fábulas ao estilo de suas fantásticas histórias infantis, como “O Patinho Feio”, “O Soldadinho de Chumbo”, “A Roupa Nova do Rei”, “A Rainha do Gelo”, “João e Maria”, entre outras da sua afortunada criação nórdica que saiu pulando da Europa Setentrional para brincar de fazer de conta no mundo inteiro. Ele, aqui, teria sido tão feliz e apaixonado quanto Taunay, pelas bandas da aldeia Limão Verde, nos braços de uma doce terena; ou pelos corixos do Taboco, na garupa de uma sedutora amazona pantaneira marruá, que o encantaria nos “Camalotes e Guavirais” com a mesma inspiração que dera a Ulisses Serra.

Teria, o Andersen tupi-guarani, comido pacu com mandioca, proseado em roda de tereré e pescado piranha de chalana, ouvindo os gritos do trem e do bugio. Talvez, no toldo da Lancha Santa Delfina, escreveria “A História de uma Princesa Encantada no Paraíso Ecológico”, colocando nos pés da bela soberana “Os Sapatos Vermelhos”, ou, ainda, brincado de mergulhar com ela nas águas do rio Negro, chamando-a de “A pequena Sereia” do Mar de Xaraés.

Se isto fosse tão verossímil, hoje, neste memorável 15 de agosto, data magna da Princesa Aniversariante, estaríamos lendo a sua mais fabulosa história iniciada com o tradicional “Era uma vez”, para falar de uma fascinante Princesa que morava num castelo de ouro e pedras de arenito esculpido no vale sagrado das Serras de Maracaju. Daí, esbelta e sinuosa como as águas do rio estreito que adornava o Palácio Kadiweu, a donzela se banhava todos os dias na Cachoeira de Camisão, usando apenas uma diáfana túnica ornamentada de piraputangas...

No seu imaginário, bem antes de os personagens reis magos de Miranda (Theodoro Rondon, Estêvão Alves Correa, Augusto Mascarenhas, Manoel Antônio Paes de Barros e João de Almeida Castro) inventarem a Princesa do Sul, Hans Christian já estaria descrevendo as singularidades da linda moça, que nascera nos braços da Santa Imaculada Conceição e sonhava com a juventude eterna.

Desencontrado pelo tempo, Hans não teria conhecido Manoel de Barros, para aprender com ele a arte de ser árvore,



AQUIDAUANA – ‘Princesa Real e Fantástica’ encastelada em um paraíso da natureza

“

Teria, o (escritor fabulista) Hans Andersen tupi-guarani, comido pacu com mandioca, proseado em roda de tereré e pescado piranha de chalana, ouvindo os gritos do trem e do bugio”

mas, sim, o João, tecendo ninhos e versos de barro para o casamento, nos galhos coloridos de ipês que também agasalham tuiuiús. Também não conheceria a maravilhosa arte cênica do dramaturgo Rubens Corrêa. Certamente, não deixaria de escalar o Morro do Paxixi, nem de quebrar o sol com o Morro do Chapéu, para pintar um outro Morro Azul da cor do céu.

Mas, e se outros lendários fabulistas, como La Fontaine, Fedro e Esopo, tivessem nascido no pantanal, escreveriam a história da Princesa exuberantemente coroada de misticismo, lúdico e fantasia? E se fosse Lewis Carroll, descreveria-la como a sua “Alice no País das Maravilhas”? E Charles Perrault, será que daria a ela a mesma sutileza de “Chapeuzinho vermelho”? Talvez. Porém não interrompamos a altiva tarefa de Hans Christian Andersen, pois a sua inspiração para descrever as belezas

naturais da Princesa seria mais forte, porque adviria da sua própria felicidade de morar no paraíso ecológico e de conhecer, além das exuberantes moças terenas, todos os bichos que gostaria de inventar.

Assim, para dar melodia à sua obra pantaneira, durante a narrativa o nosso Hans Christian tomaria emprestado dos seus contemporâneos escritores Irmãos Grimm a história “O músico Maravilhoso” e a reescreveria como um capítulo da sua nova fábula, colocando como protagonista o músico Luiz Mongelli, e, no lugar do personagem Lenhador, o letrista Vicente Maurano, para juntos produzirem o majestoso hino que fez a Princesa suspirar e sonhar “[...] o bom sonho de gênio altpotente”, com “[...] as belezas sem fim desse colosso” “[...] que um astro bem tirou do céu luzente.”

Contudo, Hans Christian Andersen só nasceria no pantanal pelos recursos da imaginação. Destarte, com a força do seu imaginário, ao finalizar a história da Princesa, faria de um peão boiadeiro o príncipe encantado, que, ao beijá-la, transformá-la-ia para sempre numa cidade. Não uma cidade qualquer. Uma cidade Princesa. A urbe da nobreza pantaneira. Tão bela quanto as musas do Parnaso, e tão fulgente quanto os diamantes estelares que pontilham os espelhos das águas guaicurus.

Por fim, quando o rio mais formoso do mundo dormitasse debaixo da Ponte Velha, o gênio da arte literária tomaria o seu nome e daria à encantadora Cidade Princesa: Aquidauana, a donzela real e fantástica, que viverá, entre sonho e realidade, bonita e feliz para sempre.

RELEMBRANDO UMA EX-ALUNA ‘A morte é sempre desagradável’ – Vinicius de Moraes

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Quando a conheci, nos anos leves e esperançosos da adolescência, ela era uma menina muito loura que se distinguia entre as colegas pela facilidade de transformar as coisas banais em composições repletas de criações em que a banalidade ganhava tons de supremo encanto. Apesar de muito jovem, tinha no currículo uma lista das mais ricas em leituras de autores, tanto brasileiros como internacionais.

Improvizava com a maior facilidade peças de teatro que transformavam as paredes frias do Colégio Estadual em pedaços de sonho e poesia. O singular talento levou-a a tornar-se professora das mais queridas e inovadoras do curso clássico. Naqueles anos de mimeógrafo a álcool, gastava as noites, preparando textos que despertavam nos alunos desejos de flutuar pelos mistérios da literatura. Lembro-me dos textos de Eça de Queirós e Machado de Assis que foram o ponto de partida das viagens por mundos que só os grandes autores sabem escrever.

O caminho de interesse pelas artes levou-a à Faculdade de Jornalismo Casper Líbero, onde foi a segunda colocada entre 120 candidatas e formou-se com brilhantes notas. O gosto pelas artes era evidente na presença constante nos festivais de música e teatro dos anos 60 e 70, que incrementava com o perene entusiasmo pelas apresentações. Como membro atuante do Jornal do Comércio, dirigido pela Missão Salesiana, deixou nas entrevistas, nos artigos a presença de quem sabia transformar o banal em objeto precioso. A descrição de um encontro, que fiz em Fortaleza para divulgar o cine-clube de Campo Grande, foi transformada por ela em viagem quase sobrenatural em quem os elementos es-

senciais se sobrepujam aos supérfluos.

Assim, era ela uma mulher de essências, que nos marcou com seu jeito sereno, sua sensibilidade, oculta numa expressão de afastamento. De repente, fugiu de tudo que significasse tumulto. Ninguém mais a viu andar pelas ruas, nem frequentar as reuniões de outrora. No silêncio que tanto amava, deliciava-se com as leituras, recebia poucas visitas dos mais chegados. Diversas vezes me telefonou, mas nossas conversas eram sempre sobre os autores que a encantavam. As amigas que conviveram com ela fizeram parte de seu círculo familiar: Arlete, Eunice, Rose guardam na lembrança a figura inesquecível daquela mulher delicada e frágil, que costumavam visitar e a quem levavam com frequência o presente que mais lhe causava alegria: livros. A vida costuma ser cruel e imprevisível.

De repente não mais que de repente, as folhas verdes transformaram-se num monte de folhas secas e, sem que houvesse remédio que solucionasse a moléstia que a atingiu, desapareceu tão discreta como viveu aquela que se chamou Neyde Cesco, muito amada pela mãe Dona Deborah, pelas irmãs Sylvia Odinei, Elisa e Dayse e pelos irmãos Danilo, Darilo e Darilson, que vieram de longe acompanhá-la à última morada. A natureza encheu-se de tristeza, o céu cobriu-se de nuvens negras, chorando a partida de alguém que dera à vida muito amor e apego às artes. Choraram os antigos alunos, lembrando as lições de sabedoria, o carinho, as atenções que receberam de uma professora que lhes ensinou a gostar de literatura e a saborear a arte. Uma ave branca voou em direção ao céu, fazendo-nos concordar com as palavras de Vinicius: a morte é mesmo muito desagradável.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS ELEGE TRÊS NOVOS IMORTAIS – Em assembleia geral realizada nesta quinta-feira (13/08), com a presença de seus acadêmicos, a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras elegeu, atendendo exigências estatutárias, três novos membros efetivos: o poeta **Emmanuel Marinho**, o poeta **Ileides Muller** e o escritor **Samuel Medeiros**. Em data próxima, estes novos imortais eleitos serão diplomados em posse solene na ASL. Emmanuel Marinho ocupará a Cadeira nº 33 da Academia (que pertenceu anteriormente à poeta Flora Thomé), Ileides Muller assumirá a Cadeira nº 40 (que foi ocupada anteriormente pelo escritor mato-grossense

Lenine Póvoas), e Samuel Medeiros ocupará a Cadeira nº 26, que pertenceu ao poeta Adair José de Aguiar.

Mantendo criterioso processo seletivo para ocupação de suas cadeiras vitalícias, a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, que foi fundada no dia 30 de outubro de 1971, integra a história do Estado e registra, ao longo da sua existência, atuações marcantes voltadas para a defesa do vernáculo e o cultivo da autêntica arte literária, desempenhando programas literoculturais importantes, como, por exemplo: o “Chá Acadêmico”, o “Suplemento Cultural”, o “Concurso de Contos Ulisses Serra”, o “Concurso de Poesias Oliva Enciso” e a “Revista da ASL”, dentre outros.



EMMANUEL MARINHO ILEIDES MULLER SAMUEL MEDEIROS

POESIAS

BONECA DE SABUGO

Lúdico namorico lá do mato...
De sabugo de milho eu fiz pra ela,
Com roupinha de trapo em aquarela,
Linda boneca que valeu um trato:

Seria a filha nossa – minha e dela! –
Que a gente, um dia, iria ter de fato...
E, num beijo de amor, selou-se o pacto
Entre o menino-poeta e a musa bela!

E ela partiu, me dando a bonequinha
Qual jura de voltar e ser só minha,
Mãe da real filhinha, o nosso jugo...

Mas eis, no reencontro, a dor que passo:
Ela, de outrem, trazia a filha ao braço,
No meu braço, a filhinha de sabugo!...

GERALDO RAMON PEREIRA

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

FREI GREGÓRIO DE PROTASIO
ALVES

Francisco de Assis costumava saudar todo o mundo com poucas palavras, que deixaram até o dia de hoje, para todos nós, um motivo de reflexão e de bem-estar: “Paz e bem!”.

Aproximam-se os dias em que a Irmandade Franciscana do mundo inteiro celebra com missa, reza, tríduos e novenas o dia do nascimento (04.10.1182) do grande patriarca do século XII, São Francisco de Assis, proclamado pelo papa João Paulo II, em 1980, o “Padroeiro Celestial de todos os cultores da Ecologia”, título este que deve ser muito bem lembrado também neste ano de 2015, o ano do Senhor.

No começo, o jovem Francisco

andava no mundo junto aos demais jovens procurando viver a sua vida; não se conformou porém com as ganâncias de alguns e nem com os desejos do seu pai, que procurava colocá-lo na grandeza dos príncipes da época. Inspirado por Deus, mediante o Evangelho, o jovem Francisco vive a vida dos humildes, entre os pobres, a exemplo de Cristo e dos apóstolos. Renunciava a todos os bens e heranças do seu pai e vai pela rua dizendo: “O amor não é amado”!... Reúne um grupo de amigos e com eles formam um regulamento de vida totalmente entregue a Deus e ao serviço dos irmãos. O dedo de Deus está aí, a irmandade que ele fundara cresceu e se multiplicou; e qual uma árvore frondosa abriga, hoje, milhares de filhos que semeiam a

PAZ E O BEM no mundo inteiro. São, eles, os frades menores conventuais, os frades menores capuchinhos, a Ordem de Santa Clara, a Ordem Terceira Secular e Regular; e agora, entre os jovens, a JUFRA, isto é, Juventude Franciscana. E em Campo Grande, entre os demais grupos da paróquia de Fátima, existe o grupo dos jovens “Gregoritas” e as “Gregoritas”.

Francisco, pelo seu exemplo de humildade e de simplicidade, é vivido no coração dos homens de todas as épocas e encontra seguidores em toda parte. Ele sobrevive às gerações. Escritores ilustrados e filósofos de fama colocam Francisco de Assis entre os homens mais santos do mundo. Vamos aos exemplos: Rainier Maria Rilke, escritor aus-

triaco da língua alemã, falando de Francisco disse: “É o homem que inspira o bem, porque vive intimamente com Deus e é querido de todos”. O apóstata Renan, historiador e filósofo francês, chegou a dizer: “Francisco é o único cristão perfeito que conheço, desde o tempo de Cristo”. O grande estadista e pensador indiano, o Gandhi, enaltecia Francisco dizendo que “Ele era o maior homem do mundo”. Marion von Galli escreveu o livro: “O futuro vivo”, e diz, de Francisco, que “Era um outro Cristo que passou sobre a Terra fazendo o bem a todos”.

E porque Francisco ainda vive entre nós em espírito, as florestas e o universo todo, na concepção franciscana, é um imenso templo, onde ressoa a voz do Criador.